IGREJA APOSTÓLICA ORTODOXA DA AMÉRICA

Na fé dos Apóstolos, no amor de Cristo.



A VIDA SACRAMENTAL NA IGREJA ORTODOXA

CARTILHA III

A CRISMA E O DOM DO ESPÍRITO SANTO

A unção, o selo e a participação na vida e missão da Igreja

Material de formação teológica, litúrgica e pastoral para catequistas, professores, ministros e candidatos às ordens sagradas. Edição de estudo — 2026, sujeita à revisão eclesiástica.

Ilustração original contemporânea inspirada na iconografia bizantina; não se trata de ícone histórico.

1. O que é a Crisma?

A Crisma, também chamada *crismação*, é o Santo Mistério pelo qual a pessoa já batizada é ungida com o Santo Crisma e recebe o **selo do dom do Espírito Santo**. Não se trata apenas de uma cerimônia de apresentação à comunidade nem de uma promessa de amadurecimento futuro: é ação sacramental da Igreja pela qual o Espírito fortalece a vida inaugurada no Batismo.

A palavra «crisma» está ligada à unção. Na tradição bíblica, a unção assinalava a consagração de reis e sacerdotes; na Igreja, não estabelece uma elite religiosa, mas recorda que cada batizado é chamado a participar da vida de Cristo, o Ungido do Pai, e a testemunhá-lo em todos os ambientes da existência.

2. Fundamentos bíblicos: Pentecostes e o dom prometido

Jesus anuncia o Espírito da verdade, que permanecerá com os discípulos (Jo 14,16–17), e promete a força para que sejam testemunhas até os confins da terra (At 1,8). Em Pentecostes, a comunidade recebe o Espírito e inicia publicamente sua missão (At 2,1–11). A efusão do Espírito não encerra a Igreja em experiências privadas; torna possível a comunicação do Evangelho a povos e culturas diversos.

Pedro chama à conversão, ao Batismo e ao recebimento do Espírito Santo (At 2,38). Os Atos dos Apóstolos também narram imposições das mãos ligadas à comunicação do

Espírito (At 8,14–17; 19,5–6). Essas passagens constituem fundamentos apostólicos da iniciação cristã, embora o rito de unção com Santo Crisma tenha recebido forma litúrgica definida ao longo da história.

3. A unidade da iniciação cristã

Na experiência ortodoxa, **Batismo, Crisma e Eucaristia** compõem uma única entrada na vida da Igreja. No Batismo, a pessoa participa sacramentalmente da morte e da Ressurreição de Cristo; na Crisma, é selada com o dom do Espírito; na Eucaristia, é alimentada na comunhão do Corpo e Sangue do Senhor.

Essa unidade evita imaginar a vida cristã como três graus de valor humano. O recém-batizado, inclusive a criança, não é um membro provisório que só mais tarde será plenamente cristão. A catequese, contudo, continua durante toda a vida, pois é preciso aprender a viver conscientemente aquilo que os Mistérios comunicam.

4. O significado do selo do dom do Espírito Santo

A fórmula litúrgica ortodoxa é: **«Selo do dom do Espírito Santo. Amém.»** O selo indica pertença a Cristo, consagração e compromisso de fidelidade. São Paulo fala de Deus que nos marcou com seu selo e colocou o Espírito em nossos corações (2Cor 1,21–22; Ef 1,13–14).

Não se deve imaginar o selo como marca mágica que dispense a liberdade, a oração ou a conversão. A graça é dom

gratuito, mas pede uma resposta humana: perseverança, arrependimento, participação sacramental, obras de misericórdia e abertura à verdade.

5. Matéria, ministro e celebração

A Crisma é celebrada com o **Santo Crisma**, óleo preparado e consagrado conforme a disciplina da Igreja por sua autoridade episcopal. A unção é ordinariamente administrada por bispo ou presbítero autorizado, em estreita continuidade com o Batismo. A consagração do Crisma pelo episcopado expressa a unidade sacramental da Igreja e a continuidade de sua missão apostólica.

Na prática ortodoxa, o presbítero costuma ungir o recém-batizado em diversas partes do corpo, enquanto pronuncia a fórmula do selo. A administração concreta deve seguir o livro litúrgico, as rubricas e as normas eclesiásticas próprias, sem improvisações que substituam elementos essenciais do rito.

6. Por que são ungidos diferentes membros do corpo?

Em muitas tradições do rito bizantino, a unção alcança a fronte, os olhos, as narinas, a boca, os ouvidos, o peito, as mãos e os pés. Esses gestos exprimem a santificação da pessoa inteira: pensamentos e percepções, palavras, decisões, afetos e ações são chamados a tornar-se expressão da vida em Cristo.

Esse simbolismo não deve ser interpretado como se cada parte possuísse uma capacidade sobrenatural separada. O cristianismo compreende a pessoa como unidade: não há oposição entre espiritualidade autêntica, corpo, razão, relações e responsabilidade moral.

7. A tradição dos Santos Padres

São Cirilo de Jerusalém, nas Catequeses Mistagógicas, ensina que a unção recebida pelos cristãos não é mero óleo comum, mas participa da santificação na vida da Igreja (Catequese Mistagógica III). Seu ensinamento conecta o gesto visível à ação do Espírito sem confundir a matéria criada com a essência divina.

São Basílio Magno, em *Sobre o Espírito Santo*, defende a divindade e a ação vivificante do Espírito na santificação dos fiéis. **São João Crisóstomo**, em suas homilias sobre Atos e sobre as epístolas paulinas, enfatiza a missão e a responsabilidade que acompanham os dons recebidos.

Ao estudar os Padres, o futuro ministro deve distinguir uma citação literal de uma síntese doutrinária. Aqui são apresentados os sentidos gerais de seus ensinamentos; para ensino especializado, consultem-se as edições críticas ou traduções identificadas nas referências finais.

8. Dons, carismas e frutos: uma distinção necessária

Isaías 11,2–3 associa ao Espírito sabedoria, entendimento, conselho, fortaleza, conhecimento, piedade e temor reverente de Deus, conforme as tradições textuais e interpretativas recebidas. São Paulo descreve a diversidade dos carismas concedidos para o bem comum: serviço, ensino, exortação, auxílio, discernimento e outras manifestações (Rm 12,6–8; 1Cor 12).

Já os **frutos do Espírito** (Gl 5,22–23) descrevem a transformação da vida: amor, alegria, paz, paciência, bondade, fidelidade, mansidão e domínio próprio. O ministro não deve confundir manifestação impressionante com maturidade cristã. Uma pessoa pode falar de dons extraordinários e, ainda assim, necessitar de conversão profunda no modo de tratar os outros.

9. Graça divina e liberdade humana

A tradição ortodoxa ensina a cooperação livre da pessoa com a graça, frequentemente chamada *sinergia*. Não criamos a graça e não a compramos por méritos; respondemos a ela com fé viva, esforço ascético prudente e amor concreto. A Crisma fortalece essa resposta, mas não anula a possibilidade de erros ou o dever de penitência.

Na formação ministerial, evite dois extremos: o automatismo sacramental, como se tudo estivesse concluído pelo rito externo, e o voluntarismo, como se a santidade dependesse

apenas de disciplina individual. A vida cristã amadurece na comunhão entre dom de Deus e adesão humana.

10. Crianças, jovens e adultos na iniciação

A Igreja Ortodoxa tradicionalmente administra a Crisma logo após o Batismo, inclusive a crianças pequenas, e as introduz à vida eucarística, segundo a prática e a disciplina de cada comunidade. Isso não dispensa a catequese posterior, que deve crescer em profundidade com a idade e com a experiência de vida.

No acolhimento de adultos, a preparação deve abranger o Credo, a vida de oração, a responsabilidade ética, os sacramentos e a integração na comunidade. As pessoas não devem ser pressionadas a receber um Mistério sem liberdade e compreensão proporcionais à sua situação.

11. Recepção de cristãos de outras tradições

A forma de recepção de cristãos anteriormente batizados em outra comunidade não é decidida pela preferência privada do celebrante. A disciplina ortodoxa conhece práticas diversas, conforme a jurisdição e a avaliação eclesiástica, incluindo recepção mediante profissão de fé, Crisma ou Batismo em casos determinados.

Cabe à autoridade competente examinar documentos, forma da celebração anterior, profissão trinitária, situação pastoral e disciplina vigente. Não se deve repetir o Batismo indiscriminadamente nem prometer automaticamente que

toda recepção ocorrerá pela mesma via. O princípio é acolher com clareza, responsabilidade e fidelidade à decisão eclesiástica.

12. A relação entre Crisma, Eucaristia e missão

A Crisma não constitui o encerramento da iniciação, mas a abertura da vida eclesial. A pessoa ungida é chamada à participação na Eucaristia, à escuta das Escrituras, à oração e ao serviço. O culto autêntico não termina na porta da igreja: continua no cuidado de quem passa fome, no trato honesto, no perdão e na promoção da justiça.

A comunidade precisa oferecer oportunidades reais de formação e serviço. Sem acolhimento, acompanhamento e oportunidades de participação, a iniciação pode ser vivida como evento isolado em vez de início de um caminho espiritual.

13. Carismas não são licença para abuso espiritual

Nenhum ministro deve afirmar que um suposto dom do Espírito lhe concede direito de controlar relações familiares, impor escolhas profissionais, exigir dinheiro, humilhar penitentes ou ocultar violência. O ensino apostólico submete as manifestações espirituais ao amor, à edificação e à ordem comunitária (1Cor 13–14).

A direção espiritual exige consentimento livre, sigilo pastoral responsável, prestação de contas e respeito aos limites do ministério. Em situações de violência, exploração ou risco a

crianças, o dever de proteção e o encaminhamento apropriado não podem ser substituídos por orações privadas.

14. O Espírito Santo no mundo contemporâneo

O cristão ungido vive entre tecnologias, disputas de informação, desafios ambientais, trabalho e relações afetivas. Sua fidelidade se expressa na busca sincera da verdade, no uso ético da palavra, na recusa da manipulação e no cuidado com as pessoas vulneráveis. A dimensão espiritual não dispensa análise crítica, estudo e competência profissional.

Para professores e catequistas, a pedagogia do Espírito não se confunde com a produção de emoção coletiva. O bom formador conduz a pessoa à oração, à inteligência da fé, à liberdade responsável e ao encontro com a comunidade.

15. Preparação litúrgica: orientações a futuros ministros

Antes da celebração, confiram o livro ritual aprovado, a identidade e preparação do candidato, as condições do local, o Santo Crisma autorizado, as vestes e os cuidados de higiene. Com crianças pequenas e pessoas vulneráveis, os gestos devem ser respeitosos, breves, adequados e realizados na presença de responsáveis quando cabível.

O ministro deve conhecer as palavras e os gestos prescritos, mas também compreender seu sentido teológico. A

celebração não é palco de performance individual: a sobriedade, a dignidade e a atenção às pessoas exprimem a própria espiritualidade da Igreja.

16. Cinco estudos de caso pastoral

Caso 1 — Batismo infantil. Uma família solicita a Crisma da criança, mas não frequenta a comunidade. O ministro deve explicar a unidade da iniciação, realizar a preparação possível e construir um percurso de acompanhamento dos responsáveis, sem tratar o sacramento como serviço comercial.

Caso 2 — Adolescente com dúvidas. Um jovem crismado na infância pergunta se recebeu o Espírito sem ter consciência do rito. A resposta é que o dom sacramental não depende de memória psicológica, enquanto a apropriação pessoal da fé requer aprendizado, liberdade e participação contínua.

Caso 3 — Experiência emocional intensa. Uma pessoa afirma que, após a unção, não pode mais errar e que suas decisões representam a vontade divina. O orientador deve corrigir essa conclusão, recordar os frutos do Espírito e desencorajar atitudes autoritárias ou perigosas.

Caso 4 — Recepção de convertido. Alguém chega de outra confissão cristã apresentando certidão de Batismo. A comunidade acolhe, investiga o histórico e remete a decisão sobre a forma de recepção à autoridade eclesiástica conforme as normas vigentes.

Caso 5 — Sofrimento psicológico. Uma pessoa ungida sofre ansiedade e teme que isso prove ausência do Espírito. O catequista ensina que sofrimento não demonstra deficiência moral ou espiritual e orienta acompanhamento médico ou psicológico quando indicado, junto ao cuidado sacramental.

17. Dez perguntas para avaliação e formação

1. O que é a Crisma? Santo Mistério de unção pelo qual a Igreja sela o batizado com o dom do Espírito Santo.

2. Qual é sua relação com o Batismo? Compõe, juntamente com a Eucaristia, a unidade da iniciação cristã.

3. Qual a fórmula litúrgica central? «Selo do dom do Espírito Santo. Amém.»

4. Quem normalmente a administra? Bispo ou presbítero autorizado, com o Santo Crisma consagrado conforme a disciplina episcopal.

5. Por que são ungidas partes do corpo? Para expressar a consagração da pessoa inteira à vida em Cristo.

6. Os carismas provam santidade pessoal? Não. Devem ser discernidos pelos frutos e pelo serviço ao bem comum.

7. A Crisma dispensa a conversão? Não. A graça pede cooperação livre e vida cristã contínua.

8. Crianças podem recebê-la? Sim, na prática tradicional ortodoxa ligada ao Batismo.

9. Um sacerdote decide sozinho a forma de recepção de um convertido? Não. Deve seguir a autoridade e a disciplina eclesiástica.

10. Qual o principal sinal de amadurecimento espiritual? O amor vivido em humildade, justiça, verdade e serviço ao próximo.

18. Proposta de cinco encontros formativos

Encontro 1 — Bíblia. Ler At 2; 8,14–17 e Jo 14–16. Distinguir promessa, efusão do Espírito e missão.

Encontro 2 — Mistagogia. Estudar o rito da Crisma e Catequese Mistagógica III de São Cirilo. Identificar fórmula, gestos e significado.

Encontro 3 — Pneumatologia. Ler trechos de *Sobre o Espírito Santo*, de São Basílio, e comparar dons, carismas e frutos.

Encontro 4 — Pastoral. Debater os cinco casos propostos e redigir encaminhamentos eclesiásticos responsáveis.

Encontro 5 — Integração. Preparar uma exposição catequética de dez minutos sobre «Selo do dom do Espírito Santo» e apresentar compromisso concreto de serviço comunitário.

19. Síntese doutrinária e pastoral

A Crisma manifesta que a vida batismal é vida no Espírito Santo. Seu dom não isola o fiel nem o faz superior aos demais: incorpora-o mais profundamente à comunhão e à missão da Igreja. Por isso, o ministro deve defender a integridade do rito, ensinar com precisão e guardar a dignidade de cada pessoa.

Os futuros ministros não são formados apenas para executar gestos corretos, mas para reconhecer a presença de Cristo, discernir com prudência e ajudar a comunidade a produzir frutos de amor e fidelidade.

Oração conclusiva

Espírito Santo, Senhor que dás a vida, confirma em nós a graça que recebemos na Igreja. Purifica nossos pensamentos, ilumina nosso entendimento, cura nossas divisões e ensina-nos a servir sem buscar honras. Concede aos catequistas sabedoria, aos ministros humildade, às famílias perseverança e a todos os fiéis coragem para testemunhar Jesus Cristo com amor e verdade. Amém.

Referências para estudo

• Sagrada Escritura: João 14–16; Atos 1–2; 8,14–17; 19,1–7; Romanos 12; 1 Coríntios 12–14; 2 Coríntios 1,21–22; Gálatas 5,16–26; Efésios 1,13–14.

• São Cirilo de Jerusalém, *Catequeses Mistagógicas*, III (sobre a unção).

• São Basílio Magno, *Sobre o Espírito Santo* (especialmente a ação do Espírito na santificação).

• São João Crisóstomo, *Homilias sobre os Atos dos Apóstolos* e *Homilias sobre a Primeira Epístola aos Coríntios* (dons e edificação comunitária).

• São Nicolau Cabásilas, *A Vida em Cristo* (vida sacramental e iniciação cristã).

• Livros litúrgicos e normas sacramentais aprovados pela autoridade competente da Igreja Apostólica Ortodoxa da América; verificar as normas em vigor antes de qualquer aplicação ritual.

IGREJA APOSTÓLICA ORTODOXA DA AMÉRICA

Na fé dos Apóstolos, no amor de Cristo.

www.iaoa.com.br